



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO DO BULLYING NA PERSPECTIVA DE **ADOLESCENTES ESCOLARES**

Pérola Monique Barreto Santana¹; Sinara de Lima Souza²

1.– Modalidade Bolsa/PIBIC, Graduanda em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

perolamonique1501@gmail.com

2. Orientador, Departamento de nome, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: sinarals@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Bullying, Adolescentes, Prevenção.

INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno que ocorre nas relações e pode ser expressa por ações ou omissões que causam danos físicos, emocionais, morais e espirituais, tanto para a vítima quanto para o agressor e tem impactos maiores quando ocorre na infância e adolescência, prejudicando o desenvolvimento bio-psico-social dos indivíduos (BRASIL, 2018). De acordo com Krug, et.al (2002) a violência pode ser classificada em três categorias: autoprovocada, interpessoal e coletiva. No campo da saúde, Minayo (2020) divide a violência em abuso físico, psicológico, sexual e negligência. De acordo com Pigozi; Machado (2015) o bullying é uma forma de violência, sendo caracterizado por atos repetitivos e intencionais de agressão, tanto física quanto psicológica, que resultam em prejuízos à saúde mental das vítimas. O bullying pode ser direto (agressões físicas e verbais) ou indireto (exclusão social e difamação) (RISTUM, 2010). A vítima de bullying geralmente apresenta baixa autoestima, timidez e transtornos como ansiedade e depressão (DE OLIVEIRA PIMENTEL et.al., 2020). Há também a figura do espectador, que pode ser passivo, ativo ou neutro em relação à agressão (SILVA et al, 2020).

Além de afetar a vítima, o bullying prejudica o ambiente escolar e suas famílias. Segundo o IBGE (2019), 12% dos estudantes brasileiros entre 13 e 17 anos admitiram praticar bullying, enquanto 23% relataram ter sofrido agressões na escola. Entre os motivos mais comuns para o bullying estão a aparência física, facial e cor ou raça. Esse cenário reforça a necessidade de intervenções pedagógicas e políticas públicas que promovam a convivência respeitosa.

A enfermagem escolar desempenha um papel crucial na prevenção do bullying, por meio de ações educativas e de promoção da saúde, integradas ao Programa Saúde na Escola (PSE) (RASCHE, 2013). O PSE busca melhorar a qualidade de vida dos

estudantes com ações de avaliação de saúde, promoção de bem-estar e capacitação de profissionais. Objetivo geral: investigar e analisar as possibilidades de prevenção sob a perspectiva dos adolescentes, nas escolas municipais da cidade de Feira de Santana, por meio de rodas de conversas. Objetivos específicos: identificar o conceito de bullying e suas repercussões na saúde física e mental de adolescentes escolares; descrever estratégias de prevenção ao bullying na perspectiva de adolescentes escolares.

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa qualitativa e descritiva, que permite compreender as especificações a partir da perspectiva dos participantes, respeitando o contexto em que estão inseridos (BRASIL, 2018). Foram respeitados os critérios éticos da Resolução 466/2012 e da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012; BRASIL, 2016). O campo de estudo foi uma escola da rede municipal de Feira de Santana, situada no Bairro Cidade Nova. Os participantes da pesquisa foram 11 adolescentes escolares do 6º e 7º anos com idades entre 11 e 15 anos, a maioria do sexo masculino e heterossexuais com predominância da raça/cor autodeclarada parda. Para a coleta de dados foi utilizada a técnica da roda de conversa proposta por Moura; Lima (2014). Durante as conversas, foi oferecido um cartão no qual eles escreveram 5 palavras que vinham à mente quando eles escutavam a palavra bullying, socializaram suas vivências e discutiram formas de prevenção. A análise de dados se deu através da análise de conteúdo de Bardin (2016) que ocorreu em três etapas: organização, codificação e categorização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das rodas de conversa com adolescentes, foi possível identificar termos frequentemente associados ao bullying, como "macaco", "preto", "feia", "baleia", revelando preconceitos raciais e críticas à aparência física. Relatos indicam que o bullying é baseado em características físicas e emocionais das vítimas, podendo gerar problemas psicológicos e até o suicídio. O que mostra que os padrões de beleza têm bastante influência nas práticas do bullying. E nos estudos de Malta (2014) com bases nos dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012) as chances de bullying foram maiores entre estudantes do sexo masculino, mais jovens e negros. Os adolescentes sugeriram formas de prevenção, como falar com professores, responsáveis e promover respeito. Com isso, compreendemos que os professores e as famílias são as

fontes de apoio diante da vivência do bullying. Nos relatos dos que praticam bullying incluem falas de justificativas a exemplo de: "Eu chamo ele de macaco porque ele me chama de mariquinha e eu não gosto", essa fala mostra que o bullying pode ser revide a provocações anteriores. Sobre os adolescentes que presenciaram o bullying, a maioria disse: "Eu vi, mas não fiz nada", permanecendo passivos, adotando uma postura neutra e imparcial por medo de ser a próxima vítima (SILVA et al., 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o bullying afeta significativamente a saúde mental e o desempenho escolar dos adolescentes. Os achados apontam que o bullying está frequentemente associado a termos ofensivos relacionados a preconceitos e padrões estéticos, além de ser influenciado pelo racismo, presente em diversas esferas sociais. A prevenção requer comunicação aberta, apoio familiar e respeito mútuo, com adoção da Comunicação Não-Violenta (CNV). Destacamos a necessidade de maior articulação entre escolas, famílias e comunidades para combater o bullying. Os resultados reforçam a importância de ações proativas para enfrentamento do bullying.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica. Brasília: **MS**, 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde. Brasília: **MS**; 2010

MINAYO, M. C. S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In: NJAINE, K. et al. Impactos da Violência na Saúde [online]. 4th ed. updat. Rio de Janeiro: Coordenação de Desenvolvimento Educacional e Educação a Distância da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, ENSP, Editora **FIOCRUZ**, 2020, 448 p. ISBN: 978-65-5708-094-8. <https://doi.org/10.7476/9786557080948>.

PIGOZI, P. L.; MACHADO, A. L. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 11, p. 3509–3522, 2015. DOI: 10.1590/1413-812320152011.05292014.

RISTUM, M. Bullying escolar, Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ **Editora FIOCRUZ**, 2010. p. 95-119. ISBN 978-85-7541-330-2. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>.

DE OLIVEIRA PIMENTEL, F.; [et.al]. Víctimas de bullying, síntomas depresivos, ansiedad, estrés e ideación suicida en adolescentes. **Acta Colombiana de Psicología**, v. 23, n. 2, p. 205–240, 2020. DOI: 10.14718/ACP.2020.23.2.9.

SILVA, G. R. et al. Prevalence and factors associated with bullying: differences between the roles of bullies and victims of bullying. **J Pediatría (Rio J)**, v. 96, p. 693-701, 2020.

A SAÚDE dos adolescentes. **GOV**: IBGE, 2019. Disponível em:<<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21457-a-saude-dos-adolescentes.html#:~:text=12%2C0%25%20dos%20estudantes%20brasileiros,30%20dias%20anteriores%20%C3%A0%20pesquisa>>. Acesso em: 16 de ago. 2024.

RASCHE, A. S.; SANTOS, M. da S. S. dos. Enfermagem escolar e sua especialização: uma nova ou antiga atividade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. 4, p. 607–610, 2013. DOI: 10.1590/S0034-71672013000400022.

BRASIL, C. C. P. et al. Reflexões sobre a pesquisa qualitativa na saúde. In: Silva, R. M. et al. ESTUDOS QUALITATIVOS: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações. Sobral: **Edições UVA**, 2018.

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. (2012). **Resolução nº 466/12**. Recuperado em 31 de outubro de 2017, Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html> Acesso em 11 de set. 2024.

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. (2016). **Resolução nº 510/2016**. Recuperado em 31 de outubro de 2017. Disponível em:<<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em 11 de set. 2024.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 95–103, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>. Acesso em: 1 mai. 2023.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

MALTA, D. C. et al.. Bullying and associated factors among Brazilian adolescents: analysis of the National Adolescent School-based Health Survey (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, p. 131–145, 2014.